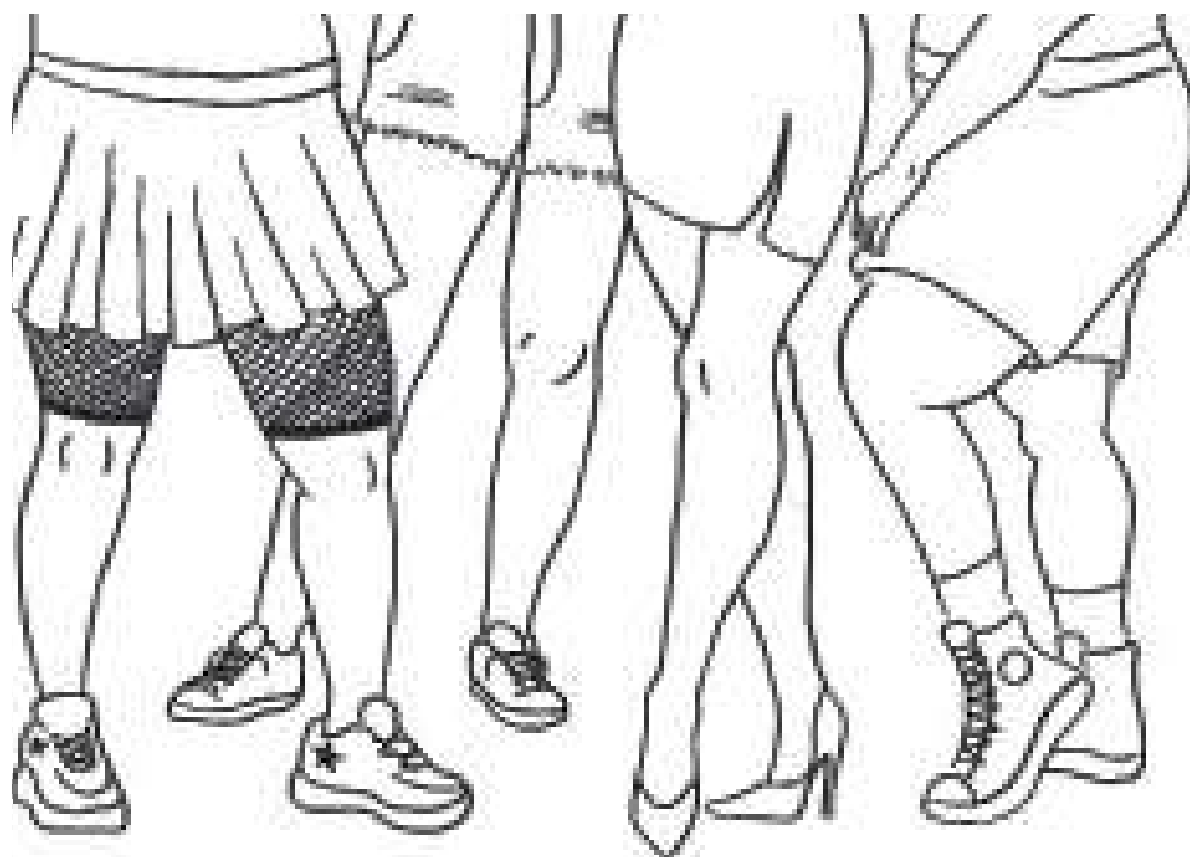


# **GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO**

UMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL

6



# **GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO**

**UMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL**

Sara Wagner York  
Sergio Luiz Baptista da Silva  
Leonardo Nolasco-Silva  
(orgs.)

**Editora  
DEVIRES**

## **Gênero e Sexualidade na Educação: uma perspectiva interseccional**

Sara Wagner York  
Sergio Luiz Baptista da Silva  
Leonardo Nolasco

Editor: Gilmaro Nogueira  
Arte da capa: Gustavo Barrionuevo  
Diagramação: Daniel Rebouças

### **Conselho Editorial**

|  |   |
|--|---|
| Prof. Dr. Carlos Henrique Lucas<br>Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB | Prof. Dr. Leandro Colling<br>Universidade Federal da Bahia – UFBA   |
| Prof. Dr. Djalma Thürler<br>Universidade Federal da Bahia – UFBA                 | Profa. Dra. Luma Nogueira de Andrade<br>Universidade da Integração Internacional da Lusofonia<br>Afro-Brasileira – UNILAB |
| Profa. Dra. Fran Demétrio<br>Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB   | Prof. Dr. Guilherme Silva de Almeida<br>Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ                                   |
| Prof. Dr. Helder Thiago Maia<br>USP - Universidade de São Paulo                  | Prof. Dr. Marcio Caetano<br>Universidade Federal do Rio Grande – FURG   |
| Prof. Dr. Hilan Bensusan<br>Universidade de Brasília – UNB                       | Profa. Dra. Maria de Fatima Lima Santos<br>Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ                                  |
| Profa. Dra. Jaqueline Gomes de Jesus<br>Instituto Federal Rio de Janeiro – IFRJ  | Dr. Pablo Pérez Navarro<br>Universidade de Coimbra - CES/Portugal<br>e Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG/Brasil |
| Profa. Dra. Joana Azevedo Lima<br>Devry Brasil – Faculdade Ruy Barbosa           | Prof. Dr. Sergio Luiz Baptista da Silva<br>Faculdade de Educação<br>Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ         |
| Prof. Dr. João Manuel de Oliveira<br>CIS-IUL, Instituto Universitário de Lisboa  |   |
| Profa. Dra. Jussara Carneiro Costa<br>Universidade Estadual da Paraíba – UEPB    |   |

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)**

G289 Gênero e sexualidade na educação : uma perspectiva  
1.ed. interseccional / organizadores Sara Wagner York, Sergio  
Luiz Baptista da Silva, Leonardo Nolasco. – 1.ed. – Salvador,  
BA : Devires, 2022.  
268 p.; 16 x 23 cm.

Bibliografia.  
ISBN : 978-65-86481-71-6

1. Educação (Ensino fundamental). 2. Gênero e sexualidade.  
3. Identidade de gênero. 4. Interseccionalidade. I. York,  
Sara Wagner. II. Silva, Sergio Luiz Baptista da. III. Nolasco,  
Leonardo.

07-2022/05

CDD 370.151

Índice para catálogo sistemático:

1. Gênero e sexualidade : Educação 370.151  
Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Qualquer parte dessa obra pode ser reproduzida, desde que  
citada a fonte. Direitos para essa edição cedidos à Editora Devires.



Av. Ruy Barbosa, 239, sala 104, Centro – Simões Filho – BA  
www.editoradevires.com.br

## Sumário

- 7 **Prefácio**
- 11 **Apresentação**
- 15 **Escolas para todas, todes, todxs e todos: uma conversa preliminar sobre gêneros e sexualidades**  
Sara Wagner York  
Leonardo Nolasco
- 27 **Uma perspectiva interseccional de gênero para pensar e transformar a educação**  
Alexandre Bortolini
- 57 **#VistaNossaPalavra: Grupo Intelectuais Negras UFRJ e o protagonismo de professoras negras na escrita de novas histórias do Brasil**  
Giovana Xavier
- 73 **O corpo trans na educação e a luta anti-LGBTIfóbica**  
Paula Beatriz De Souza Cruz  
Sara Wagner York
- 95 **As pessoas *trans* e a produção de diferença nos cotidianos escolares: diversidade, inclusão e tolerância ou um pensamento da/coma diferença na educação?**  
Ana Letícia Vieira
- 113 **Por uma imagem-infância nas questões de gênero-sexualidade: o '*transbrincar*' de ser nos currículos**  
Bruno Costa Lima Rossato  
Rafael Chaves Vasconcelos Barreto
- 135 **Corpo, gênero e infância: um debate necessário em creches e pré-escolas**  
Fernanda Theodoro Roveri
- 149 **Questões de gênero na escola: notas de uma experiência-intervenção**  
Simone Vieira de Souza  
Ematuir Teles de Sousa
- 167 **Aprendendo/desaprendendo/problematizando as questões de gênero desde a infância**  
Amanaiara Conceição de Santana Miranda

**183 Guilherme: uma criança que queria ser “uma mulher bonita, elegante, educada, de cabelos loiros e compridos”**

Claudia Jorge de Freitas  
Jonê Carla Baião

**201 Educação básica e sexualidades: narrativas de mães adolescentes negras estudantes sobre as primeiras experiências afetivo-sexuais**

Elis Souza dos Santos  
Lívia A. Fialho da Costa

**225 Entre a rua e a escola: questões étnico raciais e de gênero nas brincadeiras infantis da favela**

Profa. Dra. Adelaide Rezende Souza  
Profa. Dra. Kátia Valéria Pereira Gonzaga

**251 Oficinas sobre gênero, sexualidades e diversidades no projeto “Bora Lá?": a escola como um lugar de aprendizado e crítica**

Márcia Calderipe  
Fátima Weiss de Jesus  
Isabelle Brambilla Honorato

**268 Compreensões de concludentes do ensino básico acerca da abordagem de assuntos sobre sexualidade na escola**

Jean Jesus Santos  
Fernanda Cristina Andrade Uzeda  
Elder Cerqueira-Santos

## Prefácio

Neste exato momento as notícias que giram pelo mundo e ecoam de modo mais reiterado, não nos produzem gargalhadas. São mais de 5 milhões de pessoas que morreram ou foram deixadas a morrer pelas implicações da pandemia do SARS-COV-2/COVID-19. Esses corpos que perderam as suas vidas, agonizaram, sobretudo, em decorrência da ganância capitalista. Eram eles, em sua maioria, de pessoas originárias das camadas populares, negras e das periferias do mundo.

A pandemia aprofundou, ainda mais, a tragédia social no Brasil, assim como demonstrou a fotografia brutal de nossas desigualdades. *O rei ficou nu* ao apresentar a desumanidade cruel produzida pela sua garra incansável de produzir riqueza e deixar passar fome pessoas que o servem. A COVID-19, o isolamento e o distanciamento social revelaram as inúmeras alternativas tecnológicas inventadas e aprimoradas para que consigamos outros modos e sentidos de existência e de práticas educativas e sociais. Entretanto, nos enfrentamentos diários vividos pela maioria da população desprovida de poder de consumo, as invenções e os aprimoramentos tecnológicos assumiram contornos de roleta russa para a manutenção da vida.

A emergência sanitária mobilizada pela pandemia para as pessoas mais pobres se junta a tantas outras emergências decorrentes de outras epidemias que não vêm sendo evidenciadas, mas que são igualmente letais: a ausência de segurança alimentar, a violência promovida pelo Estado, milícias e/ou narcotráfico, as condições de moradia indigna de grande parte da população, a retirada de direitos trabalhistas e previdenciários, o sucateamento da educação e da saúde pública, as políticas deficitárias ao enfrentamento à violência doméstica e ao abuso infantil, entre tantas outras.

Enquanto as famílias do mundo ainda contavam as histórias de seus mortos atravessados pela pandemia, jornais em todo globo noticiavam a decisão de uma Guerra entre Rússia e a Ucrânia. Ao longo de vários dias foram noticiados constantes ataques, que resultaram em vítimas de ambos os lados, mortos eram identificados como pessoas russas

e/ou ucranianas. Em geral, ainda que os ataques tenham sido de imediato condenados pela comunidade internacional, os motivos não diferenciam daqueles que levaram à morte milhões de pessoas pela COVID-19: a insistência do capital em produzir hierarquia e dominação. É o desejo de eliminar em nós a poesia da vida.

É diante desse cenário desesperançoso e melancólico que recebo o copião do livro *Gênero e Sexualidade na Educação: uma perspectiva interseccional* e o convite para prefaciá-lo. De imediato passo os olhos e guardo o arquivo em uma pasta que denomino de “pedidos\_lindos”, não tinha energia para lê-lo com a devida atenção. As notícias sobre as políticas econômicas e sociais do Governo Bolsonaro retroalimentaram o neoliberalismo e (re)produziram as mortes da(s) guerra(s) e da(s) pandemia(s), o momento era de raiva e dor e ele me exigia organização social para à luta. As explorações econômicas, a estrutura de classes, as opressões e violências estruturais do racismo, as desigualdades de gênero, os autoritarismos morais, o capacitismo e suas nuances utilitaristas e a insegurança social têm nos revelado que o direito a inventar e existir encontra-se, mais que nunca, sob ameaças.

Diante das lutas, junto aos amigos e as amigas dos movimentos sociais populares, lembro-me do convite que me foi feito por Sara Wagner York, Sergio Luiz Baptista da Silva e Leonardo Nolasco-Silva. Era tempo de voltar ao copião e lê-lo com atenção para prefaciá-lo. O que vejo de imediato era uma coletânea de textos elaborados por intelectuais ativistas dos movimentos sociais e pesquisadoras/es ativistas das universidades brasileiras sobre a tônica: Gênero, Sexualidade e Raça. O que antes era desesperança, com a leitura inicial, já era embalado por uma empolgação.

A leitura deste livro ofereceu-me o privilégio de reflexão que buscava para retroalimentar minha *participação* no mundo. Os seus escritos, produzidos a partir e com *epistemes* outras, foram forjadas nos becos, periferias, rodas de conversas, afetos, favelas e sombras de *corposvidas* que se insurgiram ao enunciar uma escola de desejo ao invés de ódio, arma e morte. Os autores e autoras que nos presenteiam com os seus textos, possuem as marcas de trajetórias de lutas desobedientes aos limites da norma e da voracidade capitalista.

Autorias se que produzem com as escolas públicas, onde os textos apresentam outras e novas interpretações para antigos fatos



produzidos pela colonialidade racista, cissexista, misógina, classista e LGBTIfóbica. Os escritos deste livro trazem paisagens polifônicas que ecoam vozes e circulam ventos da experiência de quem busca os sentidos do existir e desafiam a vida em tempos em que o capital tenta e reatenta em liquidar a poesia.

Como na democracia, a vida é o *espaçotempo* imaginativo em que se reúne os discursos da existência e rompem os significados, refazem os interesses, buscam ideias e residem as inconformidades com as configurações de estar no mundo. Viver é o verbo inicial de conversão de coadjuvantes a pessoas criadoras, de metáforas sobre o mundo e das coisas que nele habitam e/ou vivem.

Este livro nos auxilia a ampliar nossas percepções sobre e com a vida e esse movimento pode nos dar sentidos e oportunidades para a conquista de uma forma felicidade, tão subjetiva quanto coletiva. Resultado de investigações e questionamentos, os artigos que tecem este livro nos trazem as tramas e os dramas que nos leva a estranhar o saber e a inventar no desconhecido, ambas são presenças que postulam democracia e vida.

Para além da burocracia insana que orienta a lógica produtivista acadêmica (e do lattes), este livro foi elaborado para incomodar perspectivas canônicas e desacomodar verdades adormecidas. As autorias desta obra, são em grande medida, as vozes negadas, oprimidas e silenciadas produzidas nas desigualdades da colonialidade.

As vozes que ecoam nas páginas deste livro se negam a se apequenar ou se ocultar nas histórias e memórias dos reconhecidos vencedores. Elas provocam, deboçam e desobedecem as normas. Tomo a liberdade de trazer de outros textos, o que nos ensinou a antropóloga feminista mexicana Marcela Lagarde quando afirmou que nossas biografias são verdadeiras epistemologias. O que a autora da lei contra o feminicídio no México queria nos dizer, é que nossas existências em um mundo atravessado pela desigualdade, coerção social, competitividade e terror das guerras, já estabelecem a relevância teórica e a veracidade vivida de nossos conhecimentos. Nossas biografias são mais que estatutos epistemológicos, elas servem de inspirações metodológicas porque estão cheias de vida.

Entendo esse trabalho como um ato político de resiliência e insurgência. Destaco a força aglutinadora de Sara York, Sérgio Silva e

Leonardo Nolasco-Silva para reunir debates e pessoas plurais, advindas de posições de privilégio e das inexistências de direito, multiplicando a possibilidade de debate. Por fim, agradeço novamente a imensa honra de prefaciá-la uma obra como essa. Ainda bem que o afeto, a ousadia e a desobediência nos unem, porque são nas alianças que os gritos do esperar nos movem a mudar o mundo e a produzir existências sem guerras.

Fevereiro pandêmico de 2022

Marcio Caetano  
Universidade Federal de Pelotas

## **Apresentação**

O livro *Gênero e sexualidade na Educação: uma perspectiva interseccional* é uma coletânea de textos elaborados por militantes, ativistas e pesquisadoras/es atuantes nas áreas de Gênero, Sexualidade e Raça no Brasil. Obra organizada também por três autora/es do campo da Educação.

O que mobilizou a organização deste livro foi a manutenção do diálogo entre escola e academia, entre academia e movimento social e entre movimento social e escola. Essa tríade é portadora de aportes epistêmicos importantes para a atuação pedagógica dentro da Educação Básica Brasileira e para o ensino crítico sobre as diferenças. Cabe destacar também a preocupação editorial em tornar este livro uma obra acessível a todas/os que estão na Educação Básica ou, pelo menos, interessados por ela.

O livro conta com textos de autoras/es convidadas/os, selecionadas/os por sua produção nas áreas em destaque e, também, por textos escolhidos em edital proposto pela Editora Devires. Todos os textos que compõem a obra são intencionalmente didáticos, com o objetivo de suscitar um letramento nos campos de Gênero, Sexualidade e Raça na Educação Básica, com perspectiva interseccional.

Os cursos de Licenciatura no Brasil, infelizmente, na sua grande maioria, não oferecem disciplinas obrigatórias no campo do Ensino para as diferenças de gênero, sexualidade e raça, criando uma deficiência na formação docente para ensino e discussão destes temas na Escola. Portanto, esta obra tem a intenção de ser um aporte importante para professoras/es que queiram aprender, entender melhor e refletir sobre tais temas, sem reduzir a importância do livro na apresentação de pesquisas atuais desenvolvidas pelas/os autoras/es aqui presentes.

No primeiro capítulo os organizadores Sara Wagner York e Leonardo Nolasco-Silva, no texto *Escolas para todas, todes, todxs e todos: uma conversa preliminar sobre gêneros e sexualidades*, tratam, de forma didática, os aportes teóricos básicos sobre o ensino das diferenças na escola, mas sem deixar a discussão desinteressante para quem já domina determinadas categorias básicas sobre gênero, sexualidade e educação.

Destacamos, no capítulo 2, a grande contribuição do professor e pesquisador Alexandre Bortolini, com histórico significativo na formação continuada de professores para o ensino da diversidade. Seu texto *Uma perspectiva interseccional de gênero: entender e transformar a educação*, trás uma série de pesquisas educacionais que exemplificam a contribuição de uma perspectiva interseccional de gênero para pensar e transformar a educação.

A professora Giovana Xavier, líder do grupo de pesquisa *Intelectuais Negras* da UFRJ, no terceiro capítulo, intitulado *#VistaNossaPalavra: Grupo Intelectuais Negras UFRJ e o protagonismo de professoras negras na escrita de novas histórias do Brasil*, nos convida à reflexão sobre os impactos do racismo na academia e, em especial, sobre intelectuais negras neste espaço.

O capítulo 4, escrito pela professora e primeira mulher trans a ocupar a função de dirigente escolar, Paula Beatriz, e pela professora travesti da/na Educação, Sara Wagner York, busca pensar como gênero e sexualidade podem ser abordados a partir de uma maior e mais interessada perspectiva pelos atores envolvidos no processo aprendizagem-ensinagem neste espaço. Discute-se também os modos como a homotransfobia se instaura no interior das escolas e como podemos modificar essa prática nos cotidianos escolares, inserindo os sujeitos até então lidos, lides, lidas como diferentes no adensado ético-político.

No quinto Capítulo, Ana Letícia Vieira – pedagoga, mestre e doutora em Educação, problematiza as noções de diferença, de produção do “diferente” e pergunta se é possível produzir um pensamento da/com a diferença na educação. Além disso, ela questiona e busca desconstruir categorias como “diversidade”, “inclusão”, “tolerância” e “igualdade”. A autora escreve a partir da sua vivência, enquanto uma professora trans que atua no Ensino Fundamental, tendo como aporte teórico os pressupostos da teoria *queer* e da analítica/ filosofia da diferença.

Em *Por uma imagem-infância nas questões de gênero-sexualidade: o ‘transbrincar’ de ser nos currículos*, sexto capítulo do livro, os autores retomam a discussão de ideologia de gênero na escola, em especial, na educação infantil. Texto produzido por quem atua na Educação Básica, aportes importantes trazidos sobre o brincar, ideologia de gênero e Educação Infantil.

O capítulo sete, com texto intitulado *Corpo, gênero e infância: um debate necessário em creches e pré-escolas*, retrata de forma objetiva e clara as relações de gênero dentro da Educação Infantil. Texto escrito por uma autora que atuou durante dezenove anos na Educação Básica e atualmente é coordenadora pedagógica, o que legitima a discussão sobre binarismo de gênero na educação infantil suscitada no texto.

O próximo capítulo, *Questões de gênero na escola: notas de uma experiência-intervenção*, é o resultado de uma pesquisa realizada nos anos iniciais. Nela, encontramos os temas: identidade de gênero, transexualidade na infância e raça, convidando a/o leitora/r a refletir acerca da opressão provocada pelo sistema cisgênero heteronormativo e seus reflexos na educação de crianças.

No capítulo nove, *Aprendendo desaprendendo problematizando as questões de gênero desde a infância*, a autora investe um olhar investigativo na educação de crianças, retomando as categorias de escritora de Conceição Evaristo e orilatura para nos mostrar o resultado de sua pesquisa em escola da educação básica, na Bahia, com crianças aprendendo africanidades. Texto muito sensível e com ilustrações de momentos felizes na escola.

Em seguida, no capítulo 10, cujo título é tão expressivo: *Guilherme: uma criança que queria ser “uma mulher bonita, elegante, educada, de cabelos loiros e compridos”*, encontramos uma narrativa sobre a história de um menino negro de nove anos, favelado e trans. Os marcadores apontados nos levam a reflexões instigantes sobre educação de crianças.

O capítulo 11, *Interseccionalidades nas primeiras experiências afetivo-sexuais de mães adolescentes negras da educação básica em Salvador-Bahia*, faz jus ao título explicitado. Trata-se de um recorte de pesquisa desenvolvida pela autora no mestrado sobre mães adolescentes negras estudantes do bairro Cabula, em Salvador.

No capítulo 12, intitulado *Entre a rua e a escola: questões étnico-raciais e de gênero e interseccionalidade na infância, nas brincadeiras da favela da Maré*, as autoras defendem que o brincar na favela aporta novos pensamentos sobre as pedagogias da infância. O texto é o resultado de uma pesquisa de cunho etnográfico desenvolvida na favela da Maré, na cidade do Rio de Janeiro.

Em *Oficinas sobre gênero, sexualidades e diversidades no projeto “Bora Lá?”: a escola como um lugar e de aprendizado e crítica*, capítulo 13, o texto é resultado de um projeto de extensão desenvolvido no

nono ano e no Ensino Médio de uma escola pública de Manaus, mostrando exemplos pertinentes e desafiadores nos campos de gênero e sexualidade.

No último capítulo, temos *Compreensões de concludentes do EB acerca da abordagem de assuntos sobre sexualidades na escola*, resultado de pesquisa desenvolvida com alunos do terceiro ano do ensino médio em Sergipe. Nela, os autores buscavam, através de um questionário, investigar o que os alunos em questão pensavam sobre as sexualidades. Há, paralelamente, reflexões sobre a BNCC e o ensino da diversidade.

Esperamos que apreciem o livro, dedicado, sobretudo, àquelas/es que estão no chão da escola.

Boa leitura!

Sara Wagner York  
Sergio Luiz Baptista da Silva  
Leonardo Nolasco